

## O pacto negro<sup>1</sup>

*Jacqueline Haber-Godfrind*

Membro da *Société Belge de Psychanalyse* e da Comissão Editorial da *Revue Belge de Psychanalyse*

Cada um está convencido e Freud é o primeiro: o laço entre uma mãe e uma filha intriga pelo seu mistério, provoca pela sua potência. Nossos divãs lembram-nos, cotidianamente, atiçando a curiosidade para onde os limites se mascaram. Estimulante, também, a conceitualização, cujas etapas tentam esclarecer, passo a passo, o continente negro.

A noção de homossexualidade feminina presta-se a dar conta das desventuras da ligação entre mãe e filha. Num artigo precedente (1990), eu insisti na importância da análise, na cura, das oscilações entre as correntes homossexuais primária e secundária, o deslocamento progressivo desta última autorizando, pelo seu potencial de identificação com a mãe genital que ele libera, o pleno desabrochar de uma feminilidade pautada na sua autonomia, sua criatividade e seu encontro com um homem e com a maternidade.

A análise de certas mulheres coloca em evidência a existência de um *conflito particularmente dramático da homossexualidade feminina*. Eu proponho aqui questionar a existência, nessas mulheres, de um núcleo que carrega uma perturbação profunda da homossexualidade primária, cujas conseqüências pesam sobre a homossexualidade secundária e, logo, sobre o destino de sua feminilidade. Este núcleo que descreverei aqui, de maneira ruidosa, poderia bem constituir a base comum ao psiquismo feminino, com seus excessos, permitindo, como sempre, melhor compreender as manifestações mais discretas.

Falo de um “núcleo” na medida em que se trata de uma problemática que se ancora na homossexualidade primária, relação precoce com a mãe fundante dos alicerces, mas também geradora das perturbações, *do narcisismo feminino*. É necessária, freqüentemente, uma análise bastante longa e mesmo a perspectiva do fim da análise para poder abordar a compreensão de seus componentes fundamentais. De toda maneira, as manifestações fazem-se sentir ao longo da análise, particularmente nos momentos de ruptura do equilíbrio econômico ou de quebra do enquadre, momentos que pontuam a diferenciação progressiva do objeto, inerente ao processo analítico.

<sup>1</sup> Publicado originalmente na *Revue Française de Psychanalyse*. Paris. v. 58, n. 1, p. 135-46, 1994.

## Apresentação de caso

Trata-se de mulheres que, todas, viveram uma infância traumática, tanto no plano dos acontecimentos, mas igualmente na relação com os pais, mais particularmente com as mães. Em suas histórias elas contam uma sucessão de eventos dramáticos: separações brutais, mortes, incesto, violações, não-ditos, condenações..., que coloriram as circunstâncias que rondam sua infância. Mas – e sobretudo – as mães que elas descrevem são mães que, tudo faz crer, não podiam, na tormenta que elas mesmas suportavam, dar ao bebê-menina, que é hoje analisanda no divã, a qualidade de amor indispensável à organização de um narcisismo de base sólida. Estas analisandas descrevem mães imaturas, deprimidas, imprevisíveis, bizarras, irresponsáveis ou francamente psicóticas. No divã que elas escolheram, estas analisandas acusam: cospem reprovações virulentas endereçadas a uma mãe detestada. Nestas mulheres, o ódio em relação à figura da mãe tomou proporções aterradoras.

Este ódio não esteve sempre presente, necessariamente.. Algumas mulheres descrevem, ao contrário, uma infância e, por vezes, uma adolescência de ligação com a mãe, contra-investimento que se mostra em termos de proximidade idílica com a mesma. Frequentemente foi necessário um momento mutativo na vida para fazer mover esta harmonia: puberdade, casamento, maternidade ou mesmo a primeira etapa de análise revelam, bruscamente, o que se escondia nesta ligação aparentemente sem problemas.

Num primeiro momento da análise, este ódio endereça-se a uma imago materna que uma organização neurótica inscreve nos cenários próprios à história da feminilidade: mãe rival; interditora edípica; mãe anal/fálica dominadora e intrusiva. Cenários comuns a todas as mulheres, é verdade, mas a violência do ódio, diga-se, é virulenta. *Ódio ao feminino*, ficaria tentada a dizer: parece-me, com efeito, que as mulheres têm especificamente esta capacidade de viver um ódio devastador que pode invadir todo o campo do espaço analítico e que, em todo caso, envenena a relação com a mãe.

Mas não totalmente: por trás da raiva feroz, deixa-se adivinhar a *nostalgia de uma aproximação amorosa*. Estes momentos são extremamente precários, sufocados, assim que percebidos, negados, assim que pressentidos. Isto não impede que o analista perceba que há qualquer coisa que está aberta, mas levará muito tempo – pode mesmo ser nunca? – para abordar este *amor escondido*.

É esta então a hipótese que defendo aqui: atrás deste ódio selvagem, com tonalidades absolutas e indefectíveis, há sempre um *amor apaixonado pela mãe*, amor nostálgico tão violento que não pode eclodir, amor cuja emergência suscita a evocação de perigos tais que provocam o recalçamento (a clivagem?) maciça do laço de ligação à mãe e o recurso a um ódio protetor.

Mas quais são os perigos aos quais se expõem estas mulheres se elas abandonarem este ódio salvador? Quais fantasmas rondam o encontro amoroso com a mãe?

Entre os riscos maiores evocados pelas analisandas diante da perspectiva de um abandono a uma dependência emocional à mãe, citarei os perigos de *uma submissão absoluta, de desintegração psíquica, de um encontro insensato*. Pego emprestado de minhas pacientes as palavras para traduzir estes diferentes, aliás, estreitamente ligados, fantasmas.

Uma delas me disse: “Eu não posso ficar neste meu lugar onde eu poderia esquecer que a detesto, que a odeio... Este lugar onde eu faria qualquer coisa... por ela... eu me colocaria de joelhos... eu mataria... eu me deixaria morrer... eu me submeteria... eu abdicaria de minha dignidade, meus projetos, eu sacrificaria meu homem...” É esta a maneira mais eloqüente de falar da abdicação da própria identidade em prol de um amor maternal percebido como totalmente vampirizante?

Para outra, ao risco da perda de identidade junta-se o risco da loucura: “Seus olhos têm um atrativo lancinante, eles me fixam e eu queria me fundir a eles... O apelo de um espelho, mas que, de repente, quebra-se... Seus olhos então vacilam, a loucura os habita... e eu sou tomada por um turbilhão demente ... loucas, ela e eu, eu me junto à ela.”

E esta outra: “Imaginar um instante que eu a encontro, que eu me deixo levar a este desejo em direção a ela, esta força que me empurra em direção aos seus braços abertos... É a explosão, a implosão, a desintegração. Minha história pára aqui, eu sou congelada, imobilizada, meus pensamentos estilhaçam, tudo se esvai de mim, eu sou uma poça, eu sou larva, eu sou cuspe, eu sou nada...” Suspensão da vida mental que se dissolve com a proximidade da mãe.

E é bem esta que sublinha um passo suplementar no encontro com a mãe: “Onde eu poderia me abandonar a ela, eu toco o vazio. Não é a separação que eu temo: ela é sangue, ela é sofrimento, ela é ferimento, mas ela permite se sentir vivo. Mas o vazio de sua presença... Ausência de palavras... Eu espero dela, desesperadamente, um sentido que me escapa,

que escapa a ela, que nos falta, infinitamente. Meu amor por ela, por sua presença, uma ausência branca, um nada.”

Então, para se sair desta influência mortífera, o ódio existe. Violência fundamental, sem dúvida (Bergeret, 1984), indispensável aos movimentos de individuação não importa de quem, ela se transforma em ódio desmesurado. Mas seu efeito não é só negativo: a análise traz à luz que ele foi a alavanca essencial de construção da personalidade. Ele foi o motor das contra-identificações que organizaram o funcionamento destas pacientes e, mais precisamente, seu arsenal mental. Esta organização psíquica, o mais defensivas que puderam ser suas raízes, permitiu a estas mulheres realizações pessoais, profissionais, afetivas ou familiares.

Mas por trás destes sucessos aparentes, adquiridos com grande esforço, um sofrimento cuidadosamente escondido os esvazia. É ele que as leva a consultar um analista, para quem elas confiam suas feridas secretas, próprias a cada uma delas: pobreza da criatividade, impossibilidade de manter uma relação amorosa, dificuldade em fazer face aos papéis parentais. Inibições, angústias, fracassos, são essencialmente atribuídos às distorções da relação com a mãe.

Distorções das quais os elementos constitutivos aparecerão — ao menos na minha experiência — no momento onde a problemática do final da análise (ou da percepção da finitude da relação com a analista) provoca uma modificação radical no campo analítico.

### A fratura

Esta modificação, provocada pela perspectiva do final da análise, e, portanto, da perda do objeto, manifesta-se, a princípio, por uma brusca ruptura do equilíbrio transferencial. Até então, a transferência, mesmo se houvesse conhecido as peripécias afetivas associadas aos cenários fantasmáticos que evoquei acima, havia se mantido dentro dos limites da serenidade relativa (para o analista, em todo caso), aspecto moderado que podemos questionar: qual razão faz com que estas pacientes, portadoras de um ódio tão intenso, mostrem-se, a despeito disso, capazes de confiar suficientemente num e mesmo numa analista para que uma transferência de base estável torne a análise possível?<sup>2</sup> A perspectiva da separação cristaliza um trabalho de ruína em relação ao que mostrou ter uma transferência subterrânea idealizada, atemporal, eterna e maravilhosa que assegura a analisabilidade. E o analista torna-se, bruscamente, o alvo de uma violência insuportável. Voltarei mais adiante a esta violência,

2 Acontece, também, que não seja assim. Quando a problemática que evoco aqui infiltra totalmente o campo analítico, ela pode colocar em questão a analisabilidade, ao menos dentro de uma dupla transfero-contratransferencial. Eu não desenvolverei aqui este tipo de fracasso analítico.

as razões que a alimentam, a repetição que ela nutre. Neste momento, direi que ela não simplifica a tarefa do analista no seu encontro com a parte maldita da relação com a mãe.

### A imago materna

Paralelamente ao endurecimento da transferência, as evocações à relação com a mãe vão, elas também, redobrar a intensidade, interpelando o analista sobre *os obstáculos para se libertar do domínio materno*.

Sabemos das dificuldades de renunciar às satisfações anacrônicas que todo final de análise reativa. A resistência ao abandono de objetos infantis resta como um obstáculo perigoso, comum a todo final de análise. Nestas analisandas, em questão, esta problemática toma uma agudeza exacerbada. Ela encontra suas raízes na existência de um núcleo do qual eu falei anteriormente, núcleo que *condensa* os componentes dos quais a análise vai, pouco a pouco, desfazer os nós.

Num primeiro nível, é o *laço odioso* com a mãe que opõe aos esforços analíticos uma resistência selvagem. A recrudescência das reprovações dirigidas à mãe traduz o investimento narcísico deste modo de relação: os traumatismos suportados são recuperados como *laços de exceção*. Renunciar ao culto de um passado de sofrimento leva a amputar-se de um júbilo narcísico secreto, vingança extraordinária contra as sevícias de então. Este gozo escondido participa de uma engrenagem enquistada que evoca a cripta descrita por M. Torok e N. Abraham (1978), mausoléu erigido em torno da relação com a mãe.

Mas não é somente o ódio que funda o mausoléu: por trás das reivindicações da “*má ligação com a mãe*”, a análise permite trazer à luz, trabalhosamente, dolorosamente, com infinitas dificuldades, um *desejo de perdição pelo amor desta mãe*. Desejo de amar, desejo de ser amada, dizendo-se em momentos brilhantes, no mesmo momento extintos pela ressaca odiosa. Mas, por mais fugaz que seja esta ligação se trai, em continuidade com a forma idealizada que caracterizou a transferência de base.

O peso da marca materna desvenda-se progressivamente para o analista. É inegável que o pacto de fidelidade, que liga a filha à mãe, *atualiza-se* na forma de um setor de *atos identificatórios* que perpetuam e congelam a aliança total com a mãe<sup>3</sup>. Se o ódio é vivido na relação com a mãe, o amor é atuado como um lugar de encontro alienante com a mãe. Este lugar, núcleo clivado constitutivo do narcisismo da filha, alicerce da organização da personalidade, é organizado sobre as identificações adesivas ou

3 Este mecanismo, sem deixar de lembrar o descrito por H. Faimberg em seu artigo “Telescopagem de gerações” (1978).

miméticas, acoplamento buraco-a-buraco com a mãe, como dito anteriormente (1990), numa adesão incondicional ao semelhante: traduz-se por uma ação do destino que eterniza a ligação mortífera com a mãe.

A clínica mostra que a menina está particularmente predestinada a esta vocação: penso, com efeito, que o investimento do bebê-menina pela mãe imprime uma matriz muito precoce ao funcionamento fantasmático da filha. A mãe administra o amor por seu bebê de acordo com o sexo dele. Para a menina, a conquista do amor maternal passa por uma exigência organizada em torno da similitude: “você é menina e carregará e transmitirá o destino das meninas”, é a mensagem materna à filha. A filha tem a perpetuar a feminilidade tal como o inconsciente da mãe lhe transmitiu.

Ora, nas mães das analisandas que tratamos, as falhas de elaboração mental caminham junto com uma representação da feminilidade marcada pela vergonha e maldição.

Do mesmo modo, os reencontros inconscientes com a mãe mostram-se soldados em torno de uma fascinação por um encontro infável dentro do não-pensamento e *nonsense*, por vezes mesmo da loucura, onde se perderiam juntas, mãe e filha: mas, ao mesmo tempo, elas inscrevem-se numa filiação feminina fantasmática que congela as mulheres nos papéis que, carregados de segredos e mitos familiares, transmitem-se, inexoravelmente, de mãe para filha. A fidelidade à mãe traduz-se pelos fracassos/sintomas próprios a cada história, e que hipotecam o encontro amoroso, a sexualidade, a maternidade, as realizações pessoais.

É importante sublinhar que neste nível de relação com a mãe, estes fracassos não são da ordem do interdito (edipiano), mas relevam o “impossível” (McDOUGALL, 1982), inacessibilidade absoluta a uma feminilidade plena, imposta pelo *pacto com a mãe*.

No entanto, durante a análise, o trabalho de descondensação faz progressivamente sentir seus efeitos. Ao mesmo tempo em que a adesividade primária à mãe abrandar-se, acompanhando-se da tomada de consciência de uma mãe separada, diferenciada, de quem o amor se revela essencial, uma rivalidade de natureza mais edipiana vem à tona, rivalidade dita em toda sua carga fállica de inveja, de destrutividade, de sadismos, e mesmo de perversidade.

Aparece então o *ódio* que estava em questão anteriormente, violência de sobrevivente, mascarado por um laço repetitivo, a agressividade ligada à rivalidade. Mas a rivalidade recuperada, carregada de um triunfalismo massacrante, ameaça duplamente a filha: seja pela perda

do amor materno, seja pela destruição da mãe numa rivalidade de tudo ou nada.

A angústia suscitada por este temor é agora acrescida de um outro elemento. Com uma melhor compreensão do sentido dos cenários que destinavam à filha um papel dentro do drama pessoal da mãe, a analisanda presente a falibilidade, os limites e a fragilidade da mãe. Mas este reconhecimento se mostra insuportável: a filha não pode aceitar que a mãe é, ela também, submetida a um destino de mulher em impotência, vítima de sua própria história. Reconhecê-lo seria assumir plenamente separar-se dela, notadamente renunciando ao laço de exceção do qual ela cria a ilusão. Mas é igualmente perceber que em partes inteiras de sua existência, senão sua totalidade, foram destinadas a reparar a depressão materna. Enfim, “perdoar” a mãe, é aceitar sua própria responsabilidade psíquica neste assunto e, mais precisamente, avidez, inveja, rivalidade e ligação de perdição.

Na minha experiência, o desvendar da complexidade psíquica do lugar de encontro com a mãe provoca uma profunda comoção que evoca angústia catastrófica. Para proteger-se disso, o ódio torna-se cólera, que colmata as fendas do mausoléu à mãe. Mas, também, o colamento desesperado aos sintomas que, como já disse, são as garantias do acoplamento à mãe. Cabe ao analista contribuir no último descolamento. Mas as intervenções tornam-se particularmente difíceis pelas características da transferência própria desta fase da análise.

### **A transferência**

Na transferência instala-se o mesmo combate entre o ódio e o amor, instaurando um clima que podemos considerar como uma reação terapêutica negativa. A idealização, que havia citado, torna-se proveitosa aos ataques que mascaram cuidadosamente a ligação com o analista, ataques que se nutrem em diferentes recursos.

Este ódio ocorre devido à dimensão repetitiva da transferência: ela transmite ao analista o imenso rancor contra a mãe e os traumas vividos, ao mesmo tempo em que associa ao analista as violências suportadas: não se poderá jamais reparar os danos de outros tempos.

Insistirei, de todo modo, nos elementos que trazem uma vantagem ao analista na função analítica que ele exerce, função que reativa as problemáticas basais em relação à *mãe primária*.

Neste nível, a violência da qual o analista é alvo pode ser compreendida como uma colocação à prova de uma resistência da qual a mãe de

origem não era capaz, violência que, se exposta à figura da mãe, exporia a perda do amor. Neste movimento, esta violência é sobrecarregada de elementos sádicos, destruidores e perversos.

Mas o analista é igualmente atacado enquanto *agente de separação da mãe*, responsável por este doloroso movimento de desidentificação. Os sobressaltos erigidos contra esta separação podem atingir o processo analítico. De fato, o colamento desesperado na mãe reativa o núcleo do encontro com o *irrepresentado* com ela. A análise encontra-se, então, entrelaçada pelos momentos de resistência contra a elaboração psíquica vivida como agente radical de separação da mãe. Esta problemática pode ser reforçada pela impressão de que elaborar é não somente se separar da mãe, mas igualmente esmagá-la numa rivalidade matricida: autorizar-se a pensar em escapar da mãe remete a abandonar esta última em seu inferno, desfecho insuportável da qual o analista se torna o instigador.

Mais sutilmente, a resistência à análise pode tomar a forma de uma defesa oposta às tentativas de analisar o significado intrapsíquico de um sintoma (fobia, medo do homem, frigidez...) que, justamente, eternizam o pacto com a mãe. O analista é então violentamente acusado de ser “injusto” ao negligenciar a patologia materna responsável, evidentemente, dos problemas da filha. Na realidade, ao sublinhar os componentes intrapsíquicos do sintoma, o analista rompe o laço críptico e arrisca privar a analisanda daquilo que, pelo seu sintoma, religa-a à mãe.

Esta resistência é a última manifestação de uma dificuldade permanente encontrada neste tipo de análise: a de não somente desvendar o que surge ao impacto traumatizante da mãe (fator histórico) e o que aparece nos movimentos pulsionais das analisandas; mas, sobretudo, a de transmitir esta compreensão à analisanda, sempre pronta a viver a análise pulsional como persecutória, porque desrespeitosa com as sevícias sofridas e com quais sejam as nuances colocadas pelo analista para marcar seu reconhecimento dos traumas reais.

Enfim, o analista “suporta” também o *final da análise*. É ele que reativa, pela proximidade da separação, a problemática do luto: ele também abandona a analisanda à sua incompletude e suas feridas, abandono tão traumatizante que assinala definitivamente o irremediável e o irreparável dos dramas vividos na infância, mesmo se a análise tenha permitido uma certa elaboração. O ódio ligado ao final da análise mostra-se aumentado: ódio contra o objeto analista de quem terá que se separar; ódio contra os limites da análise e do analista. Ódio que, entretanto, aqui também es-

conde uma imensa ligação que o analista terá grandes dificuldades de fazer viver.

Mas a transferência não é somente dinamizada pela problemática de base: é também uma *transferência sexuada*, transposição de imagens parentais feminina e masculina. Neste campo, também, as particularidades se desenham, particularidades às quais o sexo do analista imprime sua marca. É, a partir daqui, como mulher analista que as abordarei.

A parte de rivalidade e de aproximação homossexual genitalizada, que aparece neste contexto, reforça ainda mais o impasse transferencial: no confronto com a mãe de origem, a analisanda resente dolorosamente as lacunas desta mãe, tanto nas fragilidades que ela opõe às tentativas de rivalidade, quanto às faltas de imagem de identificações que ela oferece. Entretanto, se o trabalho analítico permite à analisanda aceder a uma imagem de identificação feminina mais satisfatória, atribuída transferencialmente à analista, os sentimentos dirigidos a esta última não são por isso mais amenos: esta representação positiva da mulher evoca uma comparação dolorosa: as qualidades emprestadas à analista avivando ainda mais o horror de ter uma mãe tão faltante.

Quanto aos momentos de *transferência paterna*, eles colocam também interrogações específicas.

### **E os pais...**

Eu praticamente não mencionei os pais das analisandas. Não posso, dentro do espaço que me foi destinado, discutir isso longamente. Mas direi mesmo assim algumas palavras.

Na “realidade”, os pais ou seus substitutos existem. Mas sua presença para sua filha foi lacunar ou inadequada. Não somente sua influência foi deturpada pela manipulação fantasmática feita pela mãe (que dá a eles uma imagem desvalorizada, indigna, criticada), mas também faz pensar que certas características de suas personalidades marcaram desfavoravelmente o investimento de suas filhas. Pais freqüentemente afetuosos na primeira infância, a adolescência revela personagens sem personalidade, pouco confiáveis, demissionários, de quem o contra-édipo conflituoso, por vezes perverso ou incestuoso, torna-os inaptos a reconhecer e estimar a feminilidade de suas filhas. Esta carência paterna complica, consideravelmente, a evolução psicosssexual da filha.

Transferencialmente, as coisas traduzem-se por uma dificuldade em manter uma transferência paterna que, quando ela emerge, logo se furta. O

fato de a analista ser mulher, evidentemente, favorece esta esquiua, mas está longe de ser a única causa: o homem – o pai – aparecer como um perturbador do pacto que liga a filha à mãe. É também por este ângulo que podemos compreender a atitude de violência endereçada à analista em seus esforços de análise do “laço críptico” e dos sintomas que se ligam a ele: é o homem que enquanto agente de separação entre mãe e filha é então atacado, sua neutralização assinalando as carências de uma referência de terceiro, aquela que ajuda a diminuir o ódio transferencial, o peso de uma invasão materna e que contribui, pela identificação que ela autoriza, para desligamento da imago materna.

### **A contratransferência**

O ódio transferencial é tão mais difícil de manejar que, no trabalho de separação do analista, a aposta permanece, no encontro transferencial-contratransferencial também, a reabilitação desta ligação escondida, deste amor dissimulado, uma gratidão que é tão difícil de dizer, de viver, de se manter, para que enfim um luto – aquele da mãe e aquele do analista – seja possível.

Este jogo não está necessariamente ganho. Acontece do processo analítico, ele todo, ser minado pela problemática que descrevi e ser preciso inclinar-se frente a um fracasso analítico, ao menos entre os protagonistas singulares do processo em questão.

Acontece, também, que o apego e a gratidão não possam ser vividos na transferência, deixando o analista em dúvidas acerca do destino de sua analisanda no pós-análise<sup>4</sup>. Pode acontecer, também, por vezes, que o analista e a analisanda separem-se reconciliados (e é a analista mulher que aqui se expressa...), felizes de uma resolução que autoriza o encontro entre a aproximação e a rivalidade entre duas mulheres que aprenderam a se estimar.

Mas neste terreno, esta saída, mesmo favorável, estará por um bom tempo indecisa. Os momentos de aproximação permanecem fugazes, rapidamente colmatados pelo ódio. Caberá ao analista *reportar estes momentos de “boa relação”*, de guardar preciosamente em tensão o que eles representam de abertura a uma outra coisa frágil, furtiva, mas bem tangível. Abertura a uma parte da ligação com a mãe, que deve ter existido desde muito tempo, homossexualidade primária apesar de tudo positiva, ao menos é o que podemos supor. Abertura a uma transferência feminina que, desembaraçada dos dejetos maternos infernais, mostra os potenciais

4 Esta problemática foi pertinentemente descrita por M. Haber em seu artigo “Algumas reflexões sobre o final da análise em pacientes narcísicos”.

de identificação feminina genital. Abertura também à transferência paterna que, a despeito de suas insuficiências que mencionei, revela-se mais presente do que poderíamos supor: as analisandas reconhecem, no final do percurso, quantos momentos positivos de suas análises testemunharam uma contribuição paterna.

Estas analisandas também me ensinaram a importância de uma outra dimensão contratransferencial: a de uma certa *violência* que ergue um muro sólido contra seus ataques. E que remete ao que, na relação transferencial-contratransferencial, se dá na problemática de individuação de mulher-à-mulher: a imperiosa necessidade de um “ódio de vida” (no sentido que entendia Freud: o objeto nasce no ódio) para se proteger dos efeitos mortíferos de uma ligação excessiva. A analista mulher não escapa, ela também, a esta necessidade.

Não mais, também, àquela, fundamental, de uma referência intrapsíquica permanente ao pai<sup>5</sup>. As analisandas, das quais falo aqui, vieram procurar uma analista mulher; todas haviam percorrido um primeiro caminho com um homem antes de ousar endereçar-se a uma analista mulher. Penso que além de um processo analítico, onde se exprime a polissemia da vida fantasmática inconsciente, o encontro com uma “verdadeira mulher” portadora – ao menos o que podemos esperar – de um potencial feminino pleno, guarda todo seu valor de abertura. Mesmo que a dita analista não abandone jamais, contra ventos e marés, a aceitação profunda de seus limites, de sua violência, mas também de uma referência de terceiro indefectível, a confiança num possível encontro amoroso com um homem restará na expressão a mais humana.

A ferramenta mais eficaz de que dispõe a analista mulher com tais analisandas é, sem dúvida, aceitar, profundamente, abandonar-se com ela, por ela, através dela, um mundo de ilusão forjando o mito de um encontro maravilhoso e inalterável com a Mãe/Mulher. Esta renúncia comum tem – talvez – uma chance de romper a transmissão através do pacto negro de uma feminilidade mortífera. Talvez.

## O narcisismo feminino

Meu objetivo abrangia, através da análise de mulheres com um passado particularmente difícil, interrogar o peso das vicissitudes infelizes da ligação primeira com a mãe sobre o destino da feminilidade. Neste questionamento, a noção de homossexualidade primária, enquanto especificante do amor primário pela mãe, toma todo seu valor heurístico,

5 Haveria muito a dizer sobre o lugar que pode assegurar o pai na gestão da violência. Não pude me estender neste assunto.

no mais que suas modalidades dialetizam-se com o ódio, dando lugar ao núcleo críptico do qual desenvolvi a análise.

Mas se trata verdadeiramente de um núcleo específico de certas mulheres? Ou talvez este “núcleo” caricaturizaria a matriz fundamental transmitida pelo investimento singular de uma mãe em sua filha? Matriz que inscreve a filha numa exigência de transparência, mas também numa exigência à perenização de uma feminilidade imposta pela fantasmática materna?

Para toda filha, o excesso de proximidade com a mãe implicaria na necessidade de usar uma *violência* particular que faz face ao risco de alienação materna. O destino da feminilidade será, então, estreitamente ligado à *gestão desta violência* no que ela permite à filha de sair da homossexualidade primária em prol de uma *homossexualidade secundária estruturante*.

Mas os perigos rondam a utilização adequada desta *violência*. Seu contra-investimento absoluto dá lugar ao bem conhecido quadro de assujeitamento rígido à mãe: as linhas que precedem demonstram quanto o seu excesso mascara o pacto negro de submissão fiel à mãe. O superinvestimento sádico ou perverso da violência de base acentua ainda as forças de contra-investimento. Cada uma destas tendências pesa na filha em seu potencial de real autonomização, inscrevendo-a numa dependência empobrecedora à mãe.

E, não podemos pensar que, na demanda de análise de toda mulher, está a esperança de se livrar do pacto subterrâneo, que liga a filha à sua mãe, para o melhor e para o pior?

## Referências

ABRAHAM, TOROK M. *L'écorce et le noyau*. Paris: Flammarion, 1978.

BERGERET, J. *La violence fondamentale*, Paris: Dunod, 1984.

FAIMBERG, H. Le télescope des générations. PUF.: *Psychanalyse à l'Université*, Paris, 46, 181-200, 1987.

GODFRIND, J. De mère en fille: à la recherche du plaisir. PUF.: *Revue Franc. de Psychanalyse*, Paris, 1, 1990.

HABER, M. Quelques réflexions à propôs des fins d'analyses chez les patients narcissiques. Belgique: *Revue Belge de Psychanalyse*, 13, 23-28, 1988.

MCDOUGALL, J. *Théâtres du Je*. Paris: Gallimard, 1982.

**Jacqueline Godfrind**

15, avenue H. Dietrich  
1200 Bruxelles – Belgique

**Tradução**

**Daniela da Rocha Paes Peres**

Rua Mato Grosso, 128, cj 11  
01239-040 – São Paulo, SP  
(11) 3159 1298  
daniela.peres@uol.com.br

**Revisão técnica**

**Marina Ferreira da Rosa Ribeiro**

Rua Jericó, 255, cj. 128  
05435-040 – São Paulo, SP  
(11) 3819 0325  
marinarribeiro@terra.com.br